FÉ E SOLIDÃO

O que é que quer dizer verdadeiramente "estar sozinho"? E como é que se pode viver a «finita infinidade» que somos? Uma viagem pela necessidade mais profunda de cada um e pela resposta do cristianismo. A intervenção do presidente da Fraternidade de CL no congresso "Inimiga solidão", na II Jornada Nacional Contra a Solidão (Florença, 16 de novembro de 2019)

JULIÁN CARRÓN

A solidão é um fenómeno que tem inúmeras facetas, que serão sem dúvida proveitosamente abordadas neste congresso. A própria definição de solidão que surge no programa atesta já a variedade de significados que a palavra pode assumir: a solidão é «definida como a sensação subjetiva da falta de um apoio no momento de necessidade. [...] A solidão [...] exerce uma influência negativa na saúde» (do site *nemicasolitudine2019.com*). Mas ainda que possa ser entendida assim, continua em aberto a pergunta sobre a natureza da «necessidade» e da «falta» que provocam a solidão.

Lembro-me dos versos do poeta Mario Luzi:

«De que é falta esta falta,
coração,
de que de repente te enches?
De quê? Rompido o dique,
inunda-te e submerge-te
a enchente da tua indigência…
Vem,
talvez venha,
de além de ti
um chamamento
que agora, porque agonizas, não ouves.
Mas existe, a música perpétua guarda
a sua força e o seu canto… voltará.
Tem calma»
(*Sotto specie umana*, Garzanti, Milano 1999, p. 190).

A interrogação colocada pelo poeta agrava a urgência de compreender a fundo a natureza da solidão.
No âmbito de um congresso que pretende oferecer, como se lê no programa, «um panorama das principais causas que determinam hoje a solidão das pessoas de qualquer idade, em particular das idosas», foi-me pedido para falar de "fé e solidão". Mas para indicar o contributo que a fé pode dar, é

© 2020 Fraternità di Comunione e Liberazione

preciso primeiro identificar com precisão em que consiste a solidão humana, que nas pessoas idosas adquire uma especial dramaticidade.

1. Solidão: no coração de qualquer compromisso sério com a nossa própria humanidade

A solidão é uma experência elementar do homem. O génio poético de Giacomo Leopardi ilustra isso, de forma insuperável, no seu *Canto noturno de um pastor errante da Ásia*:

«Muitas vezes, quando te vejo
Assim muda sobre a planície deserta,
Que em seu círculo distante com o céu confina; […]
E quando as estrelas vejo arder no céu;
Digo entre mim, pensando:
Para quê tantas luzes?
O que faz o espaço infinito e o profundo
Céu sereno? Que significa esta
Solidão imensa? E eu que sou?»
(«Canto noturno de um pastor errante da Ásia», Cantos, Lisboa, Vega s/d, vv. 79-89, p. 71).

Olhando para a lua e para tudo o que no céu remete para a vastidão do cosmos, o pastor errante não consegue evitar colocar-se a questão que o aflige: «Digo entre mim, pensando: [...] que significa esta solidão imensa?». E imediatamente a pergunta sobre o significado dessa cósmica e imensa solidão leva o poeta a questionar-se sobre a sua natureza de homem: «E eu que sou?». Leopardi intui que a solidão imensa da lua, das estrelas, do ar e do céu tem a ver com a sua humanidade, com a sua solidão, implica-a, pois dela extrai o seu sentido, tornando-se imagem dela. Só o ser humano é que se pode dar conta da solidão. Neste sentido, o eu é a autoconsciência do cosmos.
Emily Dickinson capta bem a diferença da solidão experimentada pelo eu em comparação com a solidão inconsciente do mundo natural:

«Há uma solidão do espaço
E do mar há solidão
Solidão da morte, mas
Alegres parecerão
Comparadas à mais funda
E polar intimidade
De uma Alma diante de si própria –
A Finita Infinidade.
(J. de Sena, E. Dickinson, *80 Poemas de Emily Dickinson*, Lisboa, Guimarães Editores, 2010).

© 2020 Fraternità di Comunione e Liberazione

Nenhuma solidão é comparável à da alma em presença de si mesma. Trata-se de uma coisa que trazemos estruturalmente em nós: finita infinidade. Parece uma contradição nos seus próprios termos, mas é este precisamente o paradoxo do homem.
Assim, quanto mais um homem toma consciência de si, mais se revela aos seus olhos a natureza da solidão que experimenta. «Quanto mais descobrimos as nossas exigências, mais nos apercebemos de que não as podemos resolver por nós, como o não podem os outros, homens como nós. O sentido de *impotência* acompanha toda a experiência séria de humanidade. E é este sentido de impotência que dá origem à *solidão*. A verdadeira solidão não provém tanto do facto de se estar só fisicamente, como de descobrir que um problema fundamental nosso não pode encontrar resposta em nós ou nos outros. Pode-se perfeitamente dizer que o sentido da solidão nasce no próprio coração de qualquer compromisso sério com a nossa humanidade. Pode perceber bem tudo isto quem julgue ter encontrado a solução para uma necessidade importante em alguma coisa ou em alguém: e este desaparece, vai-se embora, ou revela-se incapaz. Estamos sós com as nossas necessidades, com a nossa necessidade de ser e de viver intensamente» (L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*, Coimbra, Tenacitas 2007, p.79).
Quanto mais o homem está consciente da dimensão ilimitada do seu desejo e da sua igualmente ilimitada impotência em lhe responder, mais sente esta solidão: o problema da vida «não pode encontrar resposta em nós ou nos outros». É uma solidão da qual tentamos muitas vezes fugir, pois é difícil conviver com ela: «Pouco a pouco – escreve Nietzsche – fui vendo mais claramente o defeito mais difundido de nossa maneira de ensinar e de educar: ninguém aprende, ninguém aspira, ninguém ensina – *a suportar a solidão*» (F. Nietzsche, "[443] Sobre a educação", in: Idem, Aurora, São Paulo, Cia das Letras 2005).

2. A solidão: inimiga ou amiga?

O título deste congresso parece sugerir que, à pergunta sobre a natureza da solidão, já foi à partida dada uma resposta: «Inimiga solidão». Mas o facto de alguém ter desejado propô-la como tema leva-nos a pensar que ainda há espaço para uma percepção diferente da solidão. Perguntemo-nos então: é possível não sentir a solidão como inimiga?
Estar sozinho constitui para todos uma forte provocação, deixa-nos num beco sem saída, obrigando-nos a acertar contas com nós mesmos, desafiando radicalmente a nossa razão e a nossa liberdade. Conforme a maneira como a vivermos, a solidão pode ser uma condenação ou uma conquista. Ela representa por isso uma bifurcação, um drama aberto.
Para o sociólogo Zygmunt Bauman, renunciar à solidão pode representar uma grave perda: «Quando se evita a qualquer custo estar só, renuncia-se à oportunidade de experimentar a *solidão*: aquele estado sublime em que é possível reunir as nossas ideias, meditar, refletir, criar e, em última análise, dar sentido e substância à comunicação» (*Cose che abbiamo in comune. 44 lettere dal mondo liquido*, Bari, Laterza 2012, p. 12). Nesse sentido, a solidão apresenta-se como tudo, menos inimiga. «A solidão não é de todo uma loucura, é indispensável para estar bem em companhia», dizia uma música de Gaber («La Solitudine – 1976», *Libertà obbligatoria*, Carosello, 1976).
Outros, pelo contrário, têm dela uma percepção oposta. Uma das mais tocantes expressões literárias de uma experiência negativa da solidão é aquela que nos deixou Pascoli no poema *Os dois órfãos*,

© 2020 Fraternità di Comunione e Liberazione

em que ele descreve de forma pungente o diálogo de dois irmãos depois da morte da mãe, à noite, quando estão na cama:

«"Agora nada nos conforta,
e estamos sós na noite escura".
"Ela estava ali, para lá daquela porta;
e ouvia-se um murmúrio fugaz,
de vez em quando". "E agora a mãe
está morta".
"Lembras-te? Naquele tempo, não vivíamos em paz,
entre nós…" "Nós agora somos
melhores…"
"agora que já não há quem se alegre
por nós…"
"que já não há quem nos perdoe"»
(*Poesie*, Garzanti, Milão 1994, pp. 354-355).

Conquista ou condenação: são duas formas diferentes e contrastantes de viver a solidão. Testemunha-o claramente Etty Hillesum, jovem judia que morreu em Auschwitz: «Conheço duas formas de solidão. Uma faz-me sentir terrivelmente infeliz, perdida e quase suspensa; a outra torna-me forte e feliz. A primeira está sempre presente quando não me sinto em contato com os meus semelhantes, em geral quando não tenho sequer o mais mínimo contato com absolutamente ninguém: fico completamente isolada dos outros e de mim mesma, não capto o sentido desta vida nem vejo o que une as coisas, não vislumbro o meu lugar nesta existência. No outro tipo de solidão, sinto-me pelo contrário forte e segura, em contato com todos, com tudo e com Deus, e sei que posso enfrentar a vida sozinha sem depender dos outros. Nesses momentos, sinto-me parte de um todo rico de significado, imenso, e parece-me poder ainda dar muita força também aos outros» (*Diario*, Adelphi, Milão 2012, pp. 139-140). Então, o que faz a diferença entre as duas formas de solidão não é o estar sozinho ou acompanhado, mas viver uma vida cheia de significado ou não.

O psiquiatra Eugenio Borgna, que se confrontou a vida toda com o drama da solidão que surge na doença mental, ajuda-nos a identificar o que está em jogo na diferença entre estas duas formas de solidão: «Solidão e isolamento são duas maneiras radicalmente diferentes de viver, ainda que muitas vezes sejam equiparadas. Estar só não significa sentir-se só, mas separar-se temporariamente do mundo das pessoas e das coisas, das ocupações diárias, para entrar na própria interioridade e na própria imaginação – sem perder o desejo e a saudade da relação com os outros: com as pessoas amadas, e com as tarefas que a vida nos confiou. Pelo contrário, ficamos isolados quando nos fechamos em nós mesmos, ou porque os outros nos rejeitam ou, como é mais comum, como consequência da nossa própria indiferença, de um egoísmo lúgubre que é o efeito de um coração árido ou endurecido» ("La solitudine come rifugio ai tempi del social network", entrevista a Luciana Sica, *la Repubblica*, 18 de janeiro de 2011).

© 2020 Fraternità di Comunione e Liberazione

Quer dizer, estas duas formas não se impõem mecanicamente na vida humana, de tal forma que o homem não possa fazer nada. Em cada ato humano está sempre envolvida a liberdade. Por conseguinte, em ambos os casos cada um escolhe «estar sozinho», ou seja, separar-se temporariamente das pessoas e das coisas para descobrir o significado de si, ou então «isolar-se», fechando-se em si mesmo porque não há nada a descobrir.

Mas o homem não está condenado a viver a solidão como um fechamento, sem laços com nada e com ninguém, qualquer que seja a situação em que se encontra, com as suas feridas e as suas falhas, como nos comprova uma conhecida jornalista num artigo seu, intitulado *A minha brecha*: «Desde a adolescência, e talvez até antes, tive sempre a sensação de ter nascido com alguma coisa de errado. Alguma coisa que não funcionava como devia ser, como se eu fosse uma casa e esse erro fosse uma grande brecha numa parede mestra [...]. Era o *mal de vivre* descrito numa poesia de Montale: "Era o córrego asfixiado que gorgoleja, era a folha seca, era o cavalo caído", estudámos na escola – mas ninguém na turma punha a hipótese de que estivesse a falar de nós. Desde novinha que, de manhã, me olhava no espelho, sorria para mim mesma, pensava na minha brecha e dizia-me: vá lá, estás preocupada com o quê, és jovem, és bonita. Ao crescer, porém, a brecha parecia tornar-se maior, aprofundar-se, negra na minha parede interior branca. Alargou, transformou-se em melancolia: depois depressão patológica, profunda. Fui a alguns médicos, trataram-me, senti-me melhor; depois mais uma vez, de forma intermitente, a falha evidenciava-se, dolorosa, e sussurrava: não estás curada [...]. Li Mounier. "Deus passa através das feridas", escreveu ele. Refleti sobre aquilo: será que a minha brecha era uma pequenina abertura numa parede impermeável, uma laceração necessária? [...] Porquê aquela ferida? Se ela não existisse eu, fisicamente saudável, não pobre, afortunada, não precisaria de nada. É uma salvação, aquela parede rachada, aquela brecha, através da qual um jorro de graça, incontrolado, pode entrar e fecundar a terra árida e dura» (M. Corradi, "La mia crepa", *Tempi*, 19 de outubro de 2017, p. 46).

É esta a tensão dramática, a luta que Etty Hillesum descreveu: «É verdade, trazemos mesmo tudo dentro de nós, Deus e o céu e o inferno e a vida e a morte e os séculos, muitos séculos. Um cenário, uma representação mutável das circunstâncias exteriores. Mas temos tudo em nós e estas circunstâncias nunca podem ser assim tão determinantes, porque irão sempre existir circunstâncias – boas ou más – que terão de ser aceites, o que não impede que depois uma pessoa se dedique a melhorar as más. Porém, temos de saber os motivos pelos quais lutamos, e temos de começar por nós mesmos, todos os dia do princípio» (*Diario*, op. cit., pp. 677-678).

Que razão podemos ter para nos empenharmos nesta luta? Só um amor a nós mesmos. De facto, até a dor mais profunda nos pode levar a descobrir horizontes absolutamente desconhecidos; mas para nos abrirmos a esta possibilidade, é preciso olhar para ela com aquela abertura positiva que define a natureza mais profunda da liberdade humana: «A dor da alma – escreve ainda Borgna – é uma experiência que faz parte da vida, em suma, e que não pode ser considerada como uma consequência exclusiva de uma patologia». A dor da alma tem a sua raiz na experiência humana e é irredutível a qualquer patologia. «Mesmo na depressão e na angústia [...] o sofrimento nada perde da sua dignidade, [...] dilata drasticamente as nossas inclinações à introspecção, à busca das mais profundas experiências interiores» (*A solidão da alma*, Milão, Feltrinelli 2013, p. 51). Hillesum mais uma vez o confirma: «Se toda esta dor não alarga os nossos horizontes nem nos torna mais humanos, libertando-nos das miudezas e das coisas supérfluas desta vida, então foi inútil» (*Diario*, op. cit., p. 732).

© 2020 Fraternità di Comunione e Liberazione

Eis então a verdadeira natureza da solidão que isola: «Porque a solidão não é estar só, é a ausência de significado» (L. Giussani, *O sentido religioso*, Verbo, Lisboa 2002, p. 120). Não nos sentimos sozinhos por estarmos sozinhos, mas porque nos falta o significado que dá perspectiva e consistência ao instante, que nos liga aos outros e às coisas. E parece-me ser exatamente esta falta de significado a característica da vida hoje mais difundida, como reconhece Umberto Galimberti: «Em 1979, quando comecei a trabalhar como psicanalista, as questões eram do foro emocional, sentimental e sexual. Agora têm a ver com o vazio de sentido». Isto não tem especialmente a ver com a idade; pode viver-se já «a velhice aos vinte anos»; com efeito, «os jovens não estão bem, mas nem sequer percebem porquê. Falta-lhes o objetivo» (U. Galimberti, "A 18 anni via da casa: ci vuole un servizio civile di 12 mesi", entrevista a S. Lorenzetto, *Corriere della Sera*, 15 de setembro de 2019).
Teilhard de Chardin já o tinha previsto há mais de sessenta anos: «O maior perigo que pode temer a humanidade de hoje não é uma catástrofe vinda de fora, uma catástrofe sideral; não é a fome nem a peste; é, sim, aquela doença espiritual, a mais terrível porque é o mais diretamente humano de todos os flagelos, que é a perda do *gosto de viver*» (cf. «Il fenomeno umano», in *Opere di Teilhard de Chardin*, Il Saggiatore, Milão 1980, pp. 310-311). Esta perda torna a pessoa cada vez mais frágil dentro do contexto social. E o fruto amargo desta vulnerabilidade é vivermos como estranhos a nós mesmos e aos outros, ou seja, isolados ainda que no meio da multidão.

3. Solidão, o lugar onde se descobre a companhia original

Mas há uma outra solidão, que levou São Bernardo a dizer: *«O beata solitudo, o sola solitudo»* (expressão latina atribuída a São Bernardo de Claraval). Esta é o oposto do isolamento. Se não bloquearmos a exigência de significado que permanece sempre no coração do homem, esta, olhada até ao fundo, conduz-nos a descobrir na profundidade de nós mesmos uma «companhia [...] mais original que a solidão». A exigência de um significado para viver, com efeito, «não é gerada por um querer meu – é-me dada»; ela é constitutiva do nosso eu, mas não é produzida por uma iniciativa nossa, provém de outra coisa. Desta forma, «antes da solidão, está a companhia, que abraça a solidão e faz com que esta deixe de ser verdadeira solidão, mas sim grito de apelo à companhia escondida» (L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 82).

Mas afinal, o que é esta companhia escondida? Como descobri-la? «A consciência de nós mesmos, bem lá no fundo, percebe no fundo de si um Outro. [...] O eu, o homem, é aquele nível da Natureza em que esta se apercebe de que não se faz a si mesma. E assim o cosmos inteiro é como que a grande periferia do meu corpo, sem solução de continuidade. [...] Sou, porque sou feito. [...] E então não direi "Eu sou" conscientemente, segundo a totalidade da minha estatura de homem, senão identificando-o com "Eu sou feito"» (Ibidem, pp. 163-164, pp.148-149).

Etty Hillesum dá-nos disso um poderoso testemunho no seu *Diário*: «Dentro de mim há uma fonte muito profunda. E nessa fonte está Deus. Às vezes consigo alcançá-la, mais frequentemente ela está coberta de pedras e terra: então Deus está enterrado. Por isso, é preciso desenterrá-lo novamente» (*Diario*, op. cit., p. 153). E acrescenta: «Se, depois de um processo trabalhoso que avançou dia após dia, conseguimos abrir uma senda até às fontes originárias que temos dentro de nós, e que eu chamarei de "Deus", e se depois fazemos de modo a que essa senda fique sempre livre, "trabalhando sobre nós mesmos", então iremos renovar-nos continuamente e já não teremos de nos preocupar em esgotar as nossas forças» (Ibidem, p. 777).

© 2020 Fraternità di Comunione e Liberazione

Trata-se por isso de reconhecer e de viver a relação com o Outro – Deus, o Infinito –, uma relação que está ao alcance de todos, em qualquer circunstância. Escreve-o Borgna: «Mesmo quando estamos sozinhos [...] é possível ouvir o infinito que há em nós. [...] O infinito, esta secreta dimensão da vida, está em nós: palpitante e vivo; e não se apaga na medida em que não nos deixarmos fascinar e devorar pelo tumulto, e pelo barulho" (*La solitudine dell'anima*, op. cit., p. 24). Este Outro, este Infinito, só é alcançável por quem se compromete até ao fundo consigo mesmo, sem se deixar distrair ou devorar pelo tumulto e pelo barulho.

«A vida exprime-se, portanto, antes de mais, como consciência de relação com quem a fez […]. Só assim é eliminada a solidão: na descoberta do Ser como amor que se dá a Si mesmo continuamente», fazendo-me ser agora. Há um Outro que quer que eu exista, para quem é precioso que eu exista e graças ao qual eu nunca estou sozinho. Por isso «a existência realiza-se substancialmente como diálogo com a grande Presença que a constitui, companheira indivisível. A companhia está *no* eu, não existe nada que façamos sozinhos [porque a cada momento somos gerados por um Outro]. Toda a amizade humana [toda a tentativa de resposta a esta solidão] é reflexo da estrutura original do ser [ou seja, da companhia original que um Outro nos faz dando-nos a vida agora], e se o nega arrisca a sua verdade» (L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, Tenacitas, Coimbra 2012, p. 116).

Para o explicar, *don* Giussani serve-se de uma analogia: «A verdadeira autoconsciência está bem representada na criança nos braços do pai e da mãe, de tal maneira que pode passar por qualquer situação da existência com profunda tranquilidade, e lhe é possível a alegria. Nenhum sistema curativo pode pretender isto a não ser que mutile o homem. Ou seja, muias vezes, para afastar a censura de certas feridas, censura-se o homem na sua humanidade» (*O sentido religioso*, op. cit., p. 149), com o resultado de tornar ainda mais grave o drama da vida.

Apesar desta possibilidade de descobrir a companhia que está no eu, acessível a todos, o homem é tão frágil que muitas vezes vive prisioneiro das circunstâncias e pergunta-se: «Quem me libertará desta situação mortal?» De facto, também «no mundo de hoje, tão deserto de presença, onde o homem é tão solitário, [...] tão só e portanto tão fraco (tem a fragilidade de uma criança, de uma forma repugnante, porque já não é uma criança, é um adulto-criança, presa de quem o agarrar primeiro, o agarre primeiro, incapaz de crítica, incapaz de cultivar um olhar crítico, de usar categorias mais corretas e menos corretas), num mundo onde o homem é tão prisioneiro de quem, de algum modo, se apresenta como mais forte que ele, neste mundo permanece, no fundo, intacta, a esperança da salvação» (L. Giussani, *In cammino. 1992-1998*. Milão: Bur, 2014, p. 43).

Esta esperança pode-se exprimir das mais variadas maneiras e resiste apesar do niilismo hoje desenfreado. Um caso emblemático é o do romancista francês Michel Houellebecq, que identifica a necessidade de salvação com o desejo de ser amado, ou seja, de não estar sozinho. É um desejo inextirpável, que está dentro das fibras do ser de cada homem, mesmo de um ateu ferrenho como Houellebecq. Numa carta pública a Bernard-Henri Lévy, ele descreve assim esta esperança indestrutível: «Para mim é penoso admitir que experimentei, cada vez com mais frequência, o desejo de ser amado. Um mínimo de reflexão convencia-me, naturalmente, de todas as vezes, do absurdo de tal sonho: a vida é limitada e o perdão, impossível. Mas a reflexão não podia fazer nada, o desejo persistia, e devo confessar que persiste até hoje» (F. Sinisi, "Michel Houellebecq. 'A vida é rara'", *Tracce*, n. 6/2019, p. 65) *Passos*, ago/2019, p. 33). É esta a irredutibilidade do homem: o desejo de ser amado permanece e a experiência demonstra-o continuamente.

© 2020 Fraternità di Comunione e Liberazione

4. A solidão só pode ser vencida por uma presença

E assim voltamos a Leopardi e à «solidão imensa» do pastor errante da Ásia, metáfora do homem em caminho. Há dois mil anos esse homem – o homem que é cada um de nós – foi alcançado por um anúncio: Deus, a origem de tudo o que existe, tornou-se um homem, o propósito daquele «infinito e profundo céu sereno» e dos «ares infinitos» é «o Deus feito homem». E «quando tu descobres que o valor de todas as coisas é o Verbo encarnado [...] então o céu azul e a profundidade do ar [...] adquirem riqueza e beleza. Por exemplo, olhas para eles com mais paz, porque sabes onde vais ter com eles, sabes que não te serão tirados, sabes que os gozarás para sempre (L. Giussani, *Affezione e dimora*, Milão: Bur, 2001, pp. 413-414).

É uma experiência que *don* Giussani experimentou na própria pele, e por isso pode ser uma testemunha confiável para quem quer que esteja numa situação de solidão. Na sua última entrevista ao *Corriere della Sera*, no aniversário dos seus oitenta e dois anos (15 de outubro de 2004), poucos meses antes de morrer, quase sintetizando o percurso da sua longa existência, disse: «Hoje o homem vive uma espécie de dispepsia existencial, uma alteração das funções elementares que faz com que fique dividido. [...] À solidão brutal a que o próprio homem se chama, quase como que para se salvar de um terramoto, oferece-se como resposta o cristianismo. O cristão encontra resposta positiva [para esta situação existencial] no facto de que Deus se tornou homem: este é o acontecimento que surpreende e conforta a, de outro modo, má sorte. E para Deus não é concebível o seu agir para com o homem a não ser como um "generoso desafio" à sua liberdade». Deus não se impõe ao homem, mas espera ser acolhido livremente. Assim, «a objeção moderna de que o cristianismo e a Igreja reduziriam a liberdade do homem é anulada pela aventura da relação com o homem por parte de Deus. E, pelo contrário, devido a uma ideia limitada de liberdade, para o homem de hoje é inconcebível pensar que Deus se empenhe na estreiteza de uma relação com o homem, quase negando-se. Esta é a tragédia: o homem parece mais preocupado em afirmar a sua liberdade do que em reconhecer esta magnanimidade de Deus, a única que fixa a medida da participação do homem na realidade e assim o liberta realmente» ("Io e i ciellini. La nostra fede in faccia al mondo", entrevista a Gian Guido Vecchi, *Corriere della Sera*, 15 de outubro de 2004, p. 33).

Uma presença. Este é o maior desafio à razão e à liberdade do homem, a resposta à busca de significado. Uma presença que se oferece como verdadeira companhia ao homem consciente da impotência que o constitui. «Amei-te com um amor eterno, por isso te atraí a mim, tendo piedade do teu nada» (cf. Jr 31,3ss). Deus comoveu-se tanto com o nada que somos, com a solidão que não sabemos vencer com os nossos esforços, que enviou ao mundo o Seu Filho. E como o Pai, também Cristo sentia uma piedade infinita por aqueles que se cruzavam com Ele. Há um episódio, relatado no Evangelho, que descreve esta comoção vivida: Jesus está a caminhar pelos campos com os seus discípulos quando avista um cortejo; é o funeral do filho único de uma mãe viúva. Aproxima-se dela e diz-lhe: «Mulher, não chores!» (Lc 7,11-17). Quem sabe como se terá ela sentido revestida por aquele abraço, que superava qualquer sentimento humano e lhe devolvia a esperança! Aquela morte não era o fim de tudo, aquela mãe viúva não estava condenada a ficar sozinha, porque a semente da Ressurreição estava presente naquele Homem que lhe dizia aquelas palavras inéditas e que logo a seguir lhe restituiu o filho vivo.

© 2020 Fraternità di Comunione e Liberazione

Então a dor – que tantas vezes isola e interrompe as relações, até as mais íntimas – já não paralisa, mas torna-se problema, como escreve C. S. Lewis: «Em certo sentido, [o cristianismo] cria, em vez de resolver, o problema do sofrimento, pois este não seria um problema se, aliado à nossa experiência diária neste mundo de dor, não tivéssemos adquirido o que julgamos ser uma razoável confiança de que a realidade em última análise é boa e justa"» (*O problema do sofrimento*, São Paulo, Vida Livros 2006, pp. 29-30).

Grande conhecedor do drama humano, Paul Claudel observa: «Há uma pergunta que se apresenta continuamente na alma do doente [isto é válido também para quem está na solidão]: 'Porquê? Porquê a mim? Por que é que tenho de sofrer?' [...] A esta terrível pergunta, a mais velha da humanidade, à qual Job deu a sua forma quase oficial e litúrgica, só Deus, diretamente interpelado e posto em causa, era capaz de responder, e a pergunta era tão grande que o Verbo só podia encará-la fornecendo não uma explicação, mas uma presença, de acordo com estas palavras do Evangelho: "Eu não vim para explicar, para dissipar as dúvidas com uma explicação, mas para preencher, ou melhor, para substituir com a minha presença a própria necessidade da explicação". O Filho de Deus não veio para destruir o sofrimento, mas para sofrer connosco» (*Toi, qui es-tu?*, Paris: Gallimard, 1936, pp. 112-113), ou seja, veio ao mundo para nos acompanhar na vivência do sofrimento, fez-se companhia para o homem em qualquer situação em que este se venha a encontrar.

Neste sentido, a fé oferece um contributo para a solução do problema humano, colocando o eu na condição ideal para procurar uma resposta para aquela solidão que, como lembrámos no início, «nasce exatamente no coração de cada compromisso sério com a própria humanidade». À pergunta do pastor errante, o cristianismo responde com uma presença que se faz companhia ao homem dentro da materialidade da existência. Não é porventura de uma presença que precisamos para poder enfrentar sem medo as dificuldades diárias da vida? Não é porventura disso que mais precisam as pessoas idosas sozinhas?

«Ao ficarmos velhos, [...] ficamos mais solitários, mas daquela solidão que domina cada vez de forma mais consciente tudo o que nos rodeia, o céu e a terra. É aquilo que a minha saudosa mãe me dizia, indo à missa de manhã cedo, às cinco e meia, de um dia de fim de inverno, quando já tinha começado a primavera. Eu tinha cinco anos e saltitava atrás dela, que tinha um passo muito rápido. Naquela serenidade total, já com uma só estrela no céu, [...] disse-me [...]: "Como é belo o mundo e como Deus é grande!". [...] É irracional pensar na realidade contingente, na qual nada se faz por si, sem implicar aquele algo de misterioso do qual tudo flui, do qual todas as coisas extraem o seu ser. "Como é belo o mundo e, *portanto*, como é grande Quem o faz!"» (L. Giussani, *Avvenimento di libertà*, Génova, Marietti 1820, 2002, p. 14).

Para um homem consciente de si, a solidão pode tornar-se a amiga dos seus dias, porque está cheia do diálogo ininterrupto com o Mistério que faz todas as coisas e que se fez homem, permanecendo presente na história através de uma realidade humana feita de homens que dele são sinal. Este é o contributo que a fé dá, não para "suportar" a solidão, mas para a aceitar e a viver – ainda que com dificuldade e até dolorosamente – na consciência de que existe Um que firmou uma aliança com o nosso coração e para o qual somos preciosos tal como somos.

O Papa Francisco descreveu a solidão como «o drama que [...] aflige muitos homens e mulheres. Penso nos idosos abandonados até pelos seus entes queridos e pelos próprios filhos; nos viúvos e nas viúvas; em tantos homens e mulheres, deixados pela sua esposa e pelo seu marido; em muitas pessoas

© 2020 Fraternità di Comunione e Liberazione

que se sentem realmente sozinhas, não compreendidas nem escutadas; nos migrantes e refugiados que escapam de guerras e perseguições; e em tantos jovens vítimas da cultura do consumismo, do "usa e deita fora" e da cultura do descarte» (*Homilia na Santa Missa de abertura da XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, 4 de outubro de 2015).

De toda esta humanidade ferida chega-nos um grito que chama cada um de nós a uma responsabilidade. Quantas pessoas estão sozinhas porque ninguém pousa o olhar sobre elas, ninguém lhes diz: «Tu tens valor. Assim como és, o teu eu vale mais do que todo o universo!». É o testemunho de muitos dos que se dedicam aos idosos através de uma imensidão de iniciativas – das quais vocês são um exemplo evidente –, combatendo assim aquela a que o Papa chama «cultura do descarte». Pessoas com um olhar que saiba valorizar o património de vida dos idosos, fazendo-lhes companhia na última etapa do caminho, são um contributo decisivo para responder ao vazio de sentido que está na origem daquela solidão – esta, sim, inimiga – a que são hoje condenados cada vez mais homens e mulheres, jovens e idosos, descartados por serem considerados inúteis. Mas ninguém é inútil, toda a pessoa tem um valor incomensurável, como nos lembra o Evangelho: «Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua vida? Ou o que poderá dar o homem em troca da sua vida?» (Mt 16,26). É possível imaginar uma afirmação mais plena da dignidade absoluta de cada homem e um olhar mais valorizador do humano do que este?

© 2020 Fraternità di Comunione e Liberazione